

# Arte Comentada 2

Jeanine Mafra Migliorini  
(Organizadora)



 **Atena**  
Editora

Ano 2019

Jeanine Mafra Migliorini

(Organizadora)

## Arte Comentada 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Lorena Prestes

**Revisão:** Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A786 Arte comentada 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Arte Comentada; v.2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-056-8

DOI 10.22533/at.ed.568191801

1. Arte – Crítica e interpretação. 2. Arte – Filosofia. I. Migliorini, Jeanine Mafra. II. Série.

CDD 707

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Pode a arte ser útil e bela? Deve ter função prática? Precisa ser questionadora? Moda é arte? Qual o limite para dizer o que é ou não arte?

Perguntas com muitas respostas, e que levam à outras tantas perguntas, e dessa maneira discutimos, colocamos à prova, testamos e abrimos novos caminhos para se falar e se produzir arte.

Para Platão existem três princípios intimamente ligados: o belo, o bem e a verdade. Ancorados nesta tríade encontramos a inteligibilidade e a autenticidade da arte. Elas se complementam, são indissociáveis, e compreender esta base nos oferece respostas às questões propostas. Uma vez resolvidas essas indagações podemos nos aprofundar nas discussões sobre o fazer artístico.

Aporta-se nessa tríade a moda: entre as linguagens do fazer artístico surge o que separa a produção de vestuário do que é produzido como arte, o livro apresenta debates deste fazer.

O modernismo aparece nas narrativas plásticas que trouxeram à arte, a literatura nos apresenta uma discussão sobre o simbolismo artístico, bem como as memórias culturais dos escritores.

A educação não pode se afastar do debate, afinal na escola, tão pragmática como as nossas, a arte é como um respiro e um alento, uma maneira de perceber a realidade mais humanamente, além de apresentar novas leituras de mundo. Isso pode ocorrer através da cultura popular, da capoeira, da música, da cor ou da literatura. Indiferente da forma como se apresenta uma questão é primordial, não há educação de qualidade que não envolva a arte e suas mais abrangentes formas de expressão.

Tão importante quanto os textos de discussão é a reflexão que ele causa em cada um dos leitores, que passam a ter responsabilidade sobre este conhecimento e a sua propagação. Assim deve ser, se quisermos uma sociedade consciente e crítica e de seu papel: não de espectador, mas sim de protagonista da história, implicando nisso que se assuma a responsabilidade diante da mudança ou da permanência que tanto almeja-se.

Boa leitura e boas ações!

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>7</b>
SAPATÓRIAS: DESENVOLVIMENTO DE SAPATOS DE CERÂMICA	
Carolina Haidée Bail Afonso Rosenmann Bianca Marina Giordani Gabriel Chemin Rosenmann Jusmeri Medeiros Marizete Basso do Nascimento Ana Lúcia Santos Verdasca Guimarães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5681918011</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
ROUPAS TECNOLÓGICAS E PROPOSIÇÕES ARTÍSTICAS	
Adriana Gomes de Oliveira:	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5681918012</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>31</b>
AMÉRICA LATINA, CUBISMO E CIDADES EM NARRATIVAS PLÁSTICAS MODERNISTAS	
Sandra Makowiecky	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5681918013</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>45</b>
A GATA DE JADE EM <i>REQUIEM</i> PARA O NAVEGADOR SOLITÁRIO (2007), DO TIMORENSE LUÍS CARDOSO	
Denise Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5681918014</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>56</b>
PAULISTINHAS – ARTE E CULTURA POPULAR NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DO/NO INTERIOR DE SÃO PAULO	
Roseli Aparecida Silva Geraldo Magela dos Santos Magela Borbagatto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5681918015</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>65</b>
A COR COMO ARTEFATO CULTURAL NO PROCESSO EDUCATIVO	
Cristiane Machado Corrêa Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5681918016</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>79</b>
SENTIDOS E SIGNIFICAÇÕES DA ARTE NO CURSO DE PEDAGOGIA	
Veronica Devens Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5681918017</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>89</b>
UMA PÁGINA EM BRANCO: ENSINO DE LITERATURA E ARTES NUMA PERSPECTIVA PÓS-COLONIAL	
Débora Cristina Santos e Silva Leda Maria de Barros Guimarães	

Caroline Francielle Alves

DOI 10.22533/at.ed.5681918018

**CAPÍTULO 9 ..... 104**

CORPO, MÚSICA E IMAGEM NO JOGO DA CAPOEIRA ANGOLA

Judivânia Maria Nunes Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.5681918019

**CAPÍTULO 10 ..... 114**

ENRIQUECER OS TEMPOS LIVRES: O CLUBE DE PLÁSTICA DA ESCOLA BÁSICA DE 2º E 3º CICLO PAULA VICENTE, EM BELÉM

Ana Vieira Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.56819180110

**CAPÍTULO 11 ..... 124**

PENSAR POR IMAGENS NA FORMAÇÃO CONTINUADA EM PEDAGOGIA: POSSIBILIDADES COM PROFESSORES QUE ENSINAM ARTE

Angélica D'Avila Tasquetto

DOI 10.22533/at.ed.56819180111

**CAPÍTULO 12 ..... 135**

LEITURAS DAS IMAGENS TÉCNICAS VISUAIS DE UM “INDOMÁVEL CUBO GIGANTE”

Maria Filomena Gonçalves Gouvêa

DOI 10.22533/at.ed.56819180112

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 152**

## PAULISTINHAS – ARTE E CULTURA POPULAR NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DO/NO INTERIOR DE SÃO PAULO

**Roseli Aparecida Silva**

Secretaria Municipal de Educação de Jacareí  
Jacareí – SP

**Geraldo Magela dos Santos**

**Magela Borbagatto**

Artista Plástico Autodidata  
Jacareí – SP

**RESUMO:** Este artigo apresenta ações desenvolvidas junto aos professores do município de Jacareí/SP/Brasil, cujo enfoque foi a inserção da Arte e da Cultura Popular Regional, por meio da Paulistinha, um patrimônio cultural local, como tema a ser estudado, debatido e vivenciado nas aulas de Arte, resgatando e desvelando questões referentes à história e à identidade do povo valeparaibano, e da educação patrimonial.

**PALAVRAS - CHAVE:** Paulistinha, Arte e Cultura Popular, Formação, Patrimônio Cultural.

**ABSTRACT:** This paper presents the actions developed with teachers in the city of Jacareí / SP / Brazil, whose focus was the integration of Art and Popular Culture Regional, through Paulistinha, a local cultural heritage as a subject to be studied, debated and experienced in art classes, rescuing and unveiling issues of history and identity of the Vale do Paraíba people and

heritage education.

**KEYWORDS:** Paulistinha, Popular Arts and Culture, Education, Cultural Heritage.

### 1 | DA TERRA QUE PISAMOS E DE ONDE FALAMOS

Museu de Antropologia do Vale do Paraíba – MAV, Jacareí, Vale do Paraíba, São Paulo, Brasil. Local que abriga, guardado em armários, longe dos olhares e conhecimento da população em geral, portanto, quase desconhecido, o segundo maior acervo de Paulistinhas do país - imagens em barro cozido, que além do cunho religioso que estimulou seu surgimento e desenvolvimento por quase 120 anos, traz consigo muito da identidade do povo que habitou e construiu a história desta região. (Figuras 1 e 2)



**Figura 1:** Museu de Atropologia do Vale do Paraíba/MAV

Fonte: Própria



**Figura 2:** Exemplos de Paulistinhas

Fonte: Própria

Assim como a história de muitos outros lugares, contada sempre pelo viés do dominador, a do povo valeparaibano foi e é contada pelo ponto de vista dos “Barões do Café”, deixando à margem o olhar e a existência dos costumes, da cultura, da religiosidade e do jeito de viver e fazer do “caboclo” do interior de São Paulo. “Caboclo” este que é resultado principalmente, da miscigenação entre indígenas, africanos e portugueses e suas respectivas culturas e crenças.



**Figura 3:** Mapa das cidades onde foram encontradas Imagens Paulistinhas ou fragmentos destas, no Vale do Paraíba/SP/Brasil.

Fonte: própria

Mesma situação pode ser percebida no ensino de Arte, que pouco se apropria e valida os objetos, símbolos e significados que constituem a cultura local e sua forma de fazer e compreender a Arte, oscilando entre a arte tida como “oficial”, reconhecida, aquela que transita nos livros, mídias e catálogos e a arte mais contemporânea e em evidência, deixando de fora toda expressão e manifestação artística e cultural, ainda que espontânea, própria “daquela gente” que circunda os espaços escolares.

Diante deste notável distanciamento entre o ensino de Arte promovido na escola e a presença das manifestações da Arte e Cultura Popular em sala de aula, e considerando nosso percurso de pesquisa, de criação artística, a trajetória na formação de professores e alunos, vislumbramos a possibilidade de unir os estudos com a elaboração de um trabalho que levasse ao conhecimento dos responsáveis pelo ensino desta área de conhecimento nas escolas, informações e particularidades dessa imaginária popular (Paulistinhas) assim como vivências no fazer dessa Arte, abrindo espaço para a valorização do que está bem perto e por vezes, até mesmo no entorno das escolas e é pouco estudado/conhecido.

*O patrimônio cultural é o conjunto de manifestações, realizações e representações de um povo. Ele está presente em todos os lugares e atividades: nas ruas, em nossas casas, em nossas danças e músicas, nas artes, nos museus, escolas, igrejas e praças. Nos nossos modos de fazer, criar e trabalhar. Nos livros que escrevemos, na poesia que declamamos, nas brincadeiras que fazemos, nos cultos que professamos. Ele faz parte de nosso cotidiano, forma as identidades e determina os valores de uma sociedade. É ele que nos faz ser o que somos.* (Secretaria de Educação Básica/MEC, 2012)

Sendo as Paulistinhas, exemplo de patrimônio cultural local, a proposta e o foco da formação para e com os professores foi e é promover o encontro entre a Arte Religiosa Popular do Vale do Paraíba do século XIX, agora objetos de arte que fazem parte da memória e da história de uma comunidade, e os professores da educação básica de Jacareí, possibilitando a apropriação destes como fonte de apreciação, de estudo e ensino nas escolas, resgatando parte da história e identidade deste lugar, à medida que desvelamos e apresentamos esses materiais, suas características e contexto, de forma a devolver-lhes o destaque e reconhecimento que no passado já tiveram. (Figuras 4 e 5)



**Figura 4:** Queima de imagens Paulistinhas produzidas em oficinas com professores.

Fonte: própria.



**Figura 5:** Imagem Paulistinha apresentando suas características.

Fonte: própria.

## 2 | DA SEMEADURA NA TERRA...

*... sempre haverá a necessidade de um educador sensível, capaz de criar situações onde o encontro com a arte possa gerar uma sociedade mais humana. Pois o objetivo maior ... é que (as crianças) possam perceber como o homem e a mulher, em tempos e lugares diferentes, puderam falar de seus sonhos e de seus desejos, de sua realidade e de suas esperanças através da linguagem da arte. Com certa frequência, entretanto, é apenas a escola que possibilita essa entrada no universo da arte e da cultura. A responsabilidade da escola é esmagadora nesse sentido ...* (Martins e Picosque, 2012)

O primeiro movimento foi o Projeto “Figuras do Vale”. Encontros, principalmente, de práticas de modelagem em argila e papel, onde professores e educadores (grande parte dos participantes) puderam apreciar, observar, discutir, conhecer e produzir figuras dentro do estilo religioso popular do Vale do Paraíba (Paulistinhas, Oratórios, Divinos e Presépios), ao mesmo tempo em que inseriam elementos e lembranças/memórias pessoais.

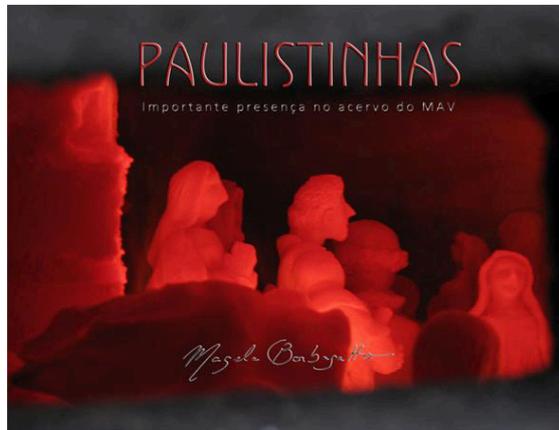
Reunindo profissionais com diferentes idades e experiências, os momentos de trocas e conversas eram ricos e traziam à tona, informações e histórias da vida pessoal que refletiam muito do coletivo e da cultura deste lugar. Com esta ação, percebemos o quanto as Paulistinhas eram desconhecidas deste público, e conseqüentemente não adentravam as salas de aula e não se tornavam objetos de estudo.

O segundo movimento foi recortar e aprofundar a pesquisa. Para isso, foi preciso visitar o acervo do MAV, registrar por meio da fotografia, traçar caminhos e paralelos com outras produções da região ou de outros lugares, e produzir um material com linguagem acessível, didática e poética, que pudesse fazer conhecer as Paulistinhas, ampliasse o repertório sobre, subsidiasse os professores e educadores em suas práticas docentes, sendo o suporte ao qual pudessem recorrer quando necessário.

Nesse movimento tocamos em questões que perpassam a construção da identidade de um povo/lugar e a educação patrimonial, uma vez que entendemos que

*a Educação Patrimonial propõe a articulação de saberes diferenciados. No caso das ações na escola, une o conhecimento oferecido pelo programa curricular com o conhecimento tradicional das nossas comunidades. Esta proposta, pode ser trabalhada nos diferentes níveis de ensino, e também no âmbito da educação não-formal, centrando as ações nos espaços de vida representados pelos territórios educativos. [...] propõe uma forma dinâmica e criativa da escola se relacionar com o patrimônio cultural de sua região e, a partir dessa ação, ampliar o entendimento dos vários aspectos que constituem o nosso patrimônio cultural e o que isso tem a ver com formação de cidadania, identidade cultural, memória e outras tantas coisas que fazem parte da nossa vida, mas muitas vezes, não nos damos conta do quão importantes elas são. (Secretaria de Educação Básica/MEC, 2012).*

Nasceu então, o Catálogo Didático Informativo “Paulistinhas – Importante Presença no Acervo do MAV”, contendo informações e imagens acerca dessa arte popular, dos caminhos percorridos por este estilo nascido em Estremoz/Portugal e que chegou até nós por caminhos ainda não esclarecidos, mas com mais de uma vertente possível. (Figura 6)



**Figura 6:** Capa do Catálogo Didático Informativo

“Paulistinhas – importante presença no acervo do MAV”.

**Fonte:** própria.

Considerando algumas dificuldades da época (séc. XIX): ausência de entalhadores e da madeira apropriada para entalhe; da distância entre os povoados e as igrejas; da impossibilidade de adquirir as imagens sacras eruditas oriundas de Portugal, Bahia, Pernambuco ou Minas Gerais; e diante do desejo do povo simples, o caipira do interior de São Paulo, de externar e cultuar sua fé, surgem os santeiros que atendem a essa demanda, tendo o barro local como matéria prima capaz de “povoar” os oratórios das casas. (Figura 7)



**Figura 7:** Exemplo de Oratório com Paulistinhas.

**Fonte:** própria.

Esses santeiros desenvolveram uma tecnologia muito própria: souberam encontrar o barro adequado, retirar e preparar, modelar, queimar e pintar, a partir de interpretação, também própria, da iconografia que distingue um “santo” do outro, criando essas imagens que hoje são consideradas objetos de arte.

É a partir deste “ofício” e das pessoas a quem ele atendia, que podemos enxergar e contar nossa história pelo viés do povo que ajudou a construir esta região; que,

exatamente por ser simples e sem posses ou poder, buscou meios de suprir suas faltas e criou uma Arte Religiosa não erudita, que nunca adentrou as Igrejas, mas de tamanha força e expressão que até hoje nos surpreende com detalhes, informações e singeleza, no campo das artes, da cultura, do patrimônio e da história.

Além de desconhecer o acervo, constatamos que o próprio museu que o abriga (Museu de Antropologia do Vale do Paraíba) era igualmente desconhecido dos professores, educadores e de grande parte da população. Assim sendo, foram também inseridas no catálogo informações sobre o mesmo, além de realizarmos alguns encontros nesse espaço, possibilitando o contato e um maior conhecimento/apreciação deste equipamento/referência cultural.

*A qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca deste, porém, sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por esse mundo. Face à criança, é como se ele fosse um representante de todos os habitantes adultos, apontando os detalhes e dizendo à criança: isso é o nosso mundo. (Arendt, 1979)*

O terceiro movimento foi divulgar e distribuir esta publicação em encontros teóricos e práticos com diversos grupos de profissionais da educação do município de Jacareí.

Os encontros teóricos, que são chamados de palestras, têm o objetivo de apresentar esse patrimônio local, suas características, função, contexto, produtores e iconografias, além de socializar e discutir possibilidades e estratégias de abordagem e estudo em sala de aula, tanto no que se refere ao ensino da Arte e seus conteúdos, quanto à educação patrimonial e construção da identidade. Há espaço para questionamentos, esclarecimento de dúvidas e partilha de histórias, lembranças e relações destes novos moradores da região sobre a temática abordada. (Figura 8)

Nos encontros práticos, que denominamos oficinas de Arte Santeira, os participantes, já providos de informações e apreciações destes exemplares, podem vivenciar e reproduzir o processo criativo dos santeiros do século XIX, fazendo nascer de suas próprias mãos, a continuidade de uma cultura rica e que lhes diz respeito, ainda que em alguns grupos não seja possível a queima das imagens produzidas. (Figura 9)

Nesse momento, as descobertas e nutrições estéticas e informativas continuam a acontecer, porém agora, diante do material concreto, do manuseio do barro, da modelagem deste, da criação de figuras tais como as que serviram de inspiração, porém com as digitais de quem olha para o passado e acrescenta a esse, interpretações e novos saberes.



**Figura 8:** Palestra com professores e educadores da Educação Básica do município de Jacarei.

**Fonte:** Própria.



**Figura 9:** Encontros Práticos com professores e educadores. Oficina de Modelagem de Arte Santeira.

**Fonte:** Própria.

O quarto movimento se deu quando uma das professoras participantes destas formações, atuando junto aos alunos do ensino médio, solicitou parceria com o projeto, uma vez que o conteúdo de um dos anos com os quais atuava, versava sobre o patrimônio cultural da cidade. A proposta inicial era uma conversa na escola com os alunos destas turmas. No entanto, diante da disponibilidade de espaço, material e agenda, esse encontro, essa conversa acabou acontecendo em uma das salas do Museu que abriga o acervo.

Considerando o interesse, envolvimento e compromisso dos alunos com as informações, curiosidades e conhecimentos sobre esse material e sua produção, foi ofertada uma oficina prática que atendeu 12 alunos em dois momentos: um de modelagem da argila para criação da figura e outro para pintura das produções, pois com este grupo e neste espaço a queima não seria possível. (Figura 10)

Após serem aproximados tanto das Paulistinhas como do seu processo de produção, esses alunos voltaram para o ambiente escolar e multiplicaram/relataram essas descobertas e aprendizagens aos demais colegas, num misto de encantamento e pertencimento a este universo.

*...é preciso haver cuidado com a alfabetização nas linguagens da arte. É por meio delas que poderemos compreender o mundo das culturas e o nosso eu particular. Assim, mais fronteiras poderão ser ultrapassadas pela compreensão e interpretação das formas sensíveis e subjetivas que compõem a humanidade e sua multiculturalidade, ou seja, o modo de interação entre grupos étnicos e, em sentido amplo, entre culturas. (Martins, Picosque e Telles, 1998)*



**Figura 10:** Encontro prático com alunos do Ensino Médio

Oficina de Modelagem de Arte Santeira.

Fonte: Própria.

### 3 | SEMENTES QUE BROTAM...PLANTAS EM CRESCIMENTO...

*Educação aqui é pensada como processo. Dessa forma, educação significa reflexão constante e ação transformadora dos sujeitos no mundo e não uma educação somente reprodutora de informações, como via de mão única e que identifique os educandos como consumidores de informações... A educação que se vislumbra é aquela que se caracteriza como mediação para a construção coletiva do conhecimento, a que identifica a comunidade como produtora de saberes, que reconhece, portanto, a existência de um saber local. Enfim, a que reconhece que os bens culturais estão inseridos em contextos de significados próprios associados à memória do local. (Pinheiro, 2015)*

Embora ainda em desenvolvimento, é possível apontar resultados positivos e concretos que vêm repercutindo no ensinar e aprender Arte, na ampliação do olhar, tanto de professores quanto de alunos, na ampliação do repertório imagético, das possibilidades de criação, no respeito e valorização da cultura e história local, no orgulho de pertencer e se reconhecer na comunidade onde vive e no ver-se produtor de Arte.

É possível apontar também, a importância da formação e da pesquisa constantes a ser realizada por professores e educadores, assim como a experiência estética, a experimentação prática poética, e a aproximação e conhecimento dos espaços e ou instituições de referência cultural, das manifestações e produções artísticas e culturais existentes na comunidade / região onde está inserida a escola ou onde moram os alunos.

Vestígios e memória do jeito caipira dos habitantes do Vale do Paraíba, voltam a conversar com esse Vale, e desse diálogo nascem interações, trocas, novidades, encantamentos, informações, intervenções, curiosidades, talentos e outras formas de trilhar os caminhos da educação, da cultura, do patrimônio e da Arte na escola.

Conversas que têm ultrapassado fronteiras e que já se estendem por outros caminhos, regiões e estados. Conversas que reverberam em novas ações e possibilidades, que se entrelaçam com outros fazeres, com outras práticas e reflexões, que permitem *ter acesso a todas as manifestações que podem promover mudanças humanas significativas, pois entendemos que a vivência cultural e estética é parte constituinte da formação acadêmica se desejamos mudanças nas práticas pedagógicas desenvolvidas em espaços institucionais.* (Barbieri, 2012)

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. A crise na educação. In: **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

BARBIERI, Stela. Coord. Josca Ailine Baroukh. **Interações: onde está a Arte na infância?** São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção InterAções).

FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim. **Educação Patrimonial – Programa mais Educação**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica e Minc / Iphan, 2012.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2ª ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

PINHEIRO, Adson Rodrigo S. / Organização. **Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial**. Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-056-8

